

# O “SACRÍFICIO” NAS CARTAS PROTOPAULINAS

Zuleica Aparecida Silvano

## **Resumo**

*O artigo parte da seguinte pergunta: Paulo utiliza o termo “sacrifício” nas cartas chamadas Protopaulinas? Percebe-se que a linguagem cultural ou sacrificial para referir-se à morte de Jesus Cristo é rara nessas cartas. Porém, o termo “sacrifício” ou “oferenda” é utilizado em relação à ética e à missão do cristão. Deste modo, analisaremos Rm 12,1-2 ao relacionar o sacrifício à doação do cristão, Fl 2,17 e 4,18, quando Paulo estabelece uma ligação entre o sacrifício e a atividade apostólica. Por fim, aprofundaremos Rm 3,25, no qual o apóstolo menciona a morte salvífica de Jesus Cristo, utilizando o termo “instrumento de propiciação”.*

**Palavras-chave:** *Sacrifício. Cartas protopaulinas. Vida cristã. Atividade apostólica. Morte salvífica.*

## **Abstract**

*The abstract has this starting point: Does Paul use the term “sacrifice” in the letters called protopauline? It is possible to notice that the cultural or sacrificial language used to refer to Jesus Christ’s death is rare in these letters. On the other hand, the term “sacrifice” or “offering” is used in relation to a Christian’s ethics and mission. In this way, we analyze Rm 12,1-2 when we relate to the sacrifice to donation from the Christian, Fl 2,17 and 4,18, when Paul establishes a connection between the sacrifice and apostolic activity. In the end, we deepen Rm 3,25 where the apostle mentions the salvific death of Jesus Christ, using the term “instrument of propitiation”.*

**Keywords:** *Sacrifice. Protopauline letters. Christian life. Apostolic activity. Salvific death.*

Paulo, nas Cartas Protopaulinas<sup>1</sup>, utiliza o termo específico “sacrifício” ou “oferenda” (em grego *thysia*) ao referir-se à vida cristã em Rm 12,1; ao serviço em prol do outro ou à atividade apostólica em Fl 2,17 e 4,18 e ao aludir às carnes oferecidas em honra a alguma divindade em 1Cor 10,18-20.

1. As cartas consideradas protopaulinas são: aos Romanos, Filipenses, Gálatas, Primeira Carta aos Tessalonicenses, Primeira e Segunda Carta aos Coríntios e Carta a Filêmon.

Com relação à morte de Cristo, o Apóstolo emprega somente em 1Cor 5,7 o verbo “sacrificar” (*thyô*) na seguinte frase “Cristo nossa Páscoa foi sacrificado”, vinculando a entrega de Cristo ao Cordeiro Pascal, porém não era propriamente um sacrifício (cf. Ex 12,1-14). É possível, no entanto, perceber termos do campo semântico do “sacrifício” para referir-se à entrega de Jesus, como: “primícias”<sup>2</sup> em 1Cor 15,20.23 e *ilasthérion* em Rm 3,25, que pode assumir um sentido cultual e ser traduzido por “expição”, “propiciatório” ou “instrumento de propiciação”, mas também pode estar relacionado à morte dos mártires. Este elemento diferencia as Protopaulinas das Deuteropaulinas (cf. Ef 5,2) e da chamada “Carta aos Hebreus” (Hb 9,15-28; 10,1-10), nas quais a paixão de Jesus é relida em chave cultual.

Deste modo, analisaremos Rm 12,1 e Fl 2,17 e 4,18 pela originalidade paulina em reler a vida de doação do cristão em chave cultual e depois Rm 3,25, por mencionar a morte salvífica de Jesus Cristo, com o termo *ilasthérion*.

## 1. O sacrifício e a vida cristã: Rm 12,1-2

A grande novidade do apóstolo Paulo é empregar o vocábulo específico do sacrifício (*thysia*) para referir-se à vida do cristão.

O texto de Rm 12,1-2 está inserido na segunda parte da Carta aos Romanos, na qual predomina a admoestação. Estes dois versículos iniciais formam uma perícopé e trazem duas exortações.

O v. 1 inicia com o verbo “exortar” que nos indica a transição da primeira parte da Carta marcada pela argumentação, para uma nova seção cuja temática central é a vivência ética. O verbo utilizado não tem como finalidade impor uma conduta, mas aconselhar, exprimir um desejo. Porém, conforme a construção da frase, transparece a intenção do autor em criar uma sintonia entre essa seção exortativa e a primeira parte argumentativa, na qual abordava a questão da justificação dada gratuitamente por Deus, mediante a fé em Jesus Cristo (cf. Rm 4–6).

A exortação é motivada teologicamente com a expressão comumente traduzida por “misericórdia”. Porém, o termo está relacionado a “ventre”, “útero”, visto que traduz a palavra hebraica *rahāmîm* (*oiktirmoîs*) na LXX e é rico semanticamente, podendo ser traduzido por “ternura”, “piedade”, “compaixão” e “clemência”. Esta “misericórdia de Deus” é explicitada em todo o processo salvífico descrito em Rm 3,21–11,36.

A expressão “apresentar os vossos corpos”, unida ao “sacrifício”, não pode ser interpretada como um “sacrifício humano”, prática religiosa constatada em várias culturas, mas assume um sentido cultual de apresentar-se em oblação, oferecer-se. A palavra “corpo” deve ser interpretada no sentido antropológico, designando o ser humano na totalidade da sua existência e como ser relacional.

2. Primícias era o primeiro feixe das colheitas oferecido ao Templo em sacrifício a Deus (cf. Lv 23; Dt 16).

Porém, cabe lembrar que o sentido antropológico de “corpo”, neste contexto, é impregnado do sentido cristológico, eclesiológico e escatológico.

Este comportamento é qualificado como “sacrifício vivente (ou vivo), santo e agradável a Deus”. Do ponto de vista etimológico, a palavra “sacrifício” (*thysia*) denomina tanto a vítima que era oferecida, como está vinculada ao verbo “queimar” ou “fazer fumaça”, pois designa a oferenda de incenso ou de animais, no qual uma parte da carne era queimada como oferenda em honra a um deus ou deuses e a parte restante era consumida num banquete pelas pessoas que participavam da oferenda.

Na literatura profética e sapiencial encontramos um apelo a viver a justiça, o direito e a equidade, como práticas privilegiadas, em detrimento aos sacrifícios de animais ou incenso (cf. Os 6,6; Pr 21,3). Paulo se insere nesta tradição ao considerar a ética cristã um verdadeiro culto a Deus.

O Apóstolo classifica o sacrifício como “vivente, santo e agradável a Deus”. Se considerarmos o primeiro adjetivo, é interessante notar que Paulo está falando de sacrifício, que por si nos remete à morte, porém ele une ao conceito a vida, a vitalidade. O verbo “viver” (*tsôon*) no particípio, traduzido por “vivente” ou “vivo”, em Paulo assume dois significados. Em primeiro lugar refere-se à existência, ou seja, a vida cotidiana, e no segundo representa a vida concedida por meio da fé no ato salvífico de Deus mediante a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Neste texto, ela pode assumir os dois significados, ou seja, toda a existência daquele que adere a Jesus Cristo é um sacrifício, é um culto a Deus.

O adjetivo “santo” poderia ser redundante por estar relacionado ao sacrifício, mas ao considerar a oferenda como a vida do cristão, reforça o sentido da vivência ética; do processo de santificação no qual o fiel se deixa conduzir pelo Espírito Santo.

A expressão “agradável a Deus” está presente no AT para qualificar o sacrifício (cf. Lv 1,13.17; 23,18; 26,31). Paulo fecha o versículo com uma frase de difícil tradução, porém podemos entender que a vivência cristã é o culto que convém a Deus e não meramente um rito exterior, sem uma verdadeira vivência ética. Essa afirmação é confirmada ao considerarmos o v. 2, no qual Paulo exorta a comunidade e alega que essa oferta agradável a Deus se exprime de duas formas: o “não se conformar com este *aiôn*” e a transformação e renovação da mente.

Na primeira exortação, o substantivo *aiôn* pode ser traduzido tanto no sentido espacial “mundo presente”, como temporal e neste caso pode ser traduzido por “tempo atual”, “tempo presente” ou ainda “século”. É um termo relacionado à apocalíptica judaica, à qual defende a existência de dois mundos: o mundo atual e aquele que haveria de vir; ou o tempo presente e o fim dos tempos. O tempo presente (ou mundo atual) era considerado como mau, dominado pelo pecado, tempo da escravidão. O tempo vindouro seria aquele que predominaria o Reinado de Deus, um espaço pleno e um tempo pleno.

Este tempo pleno era antecedido pelos tempos messiânicos, com a chegada do Messias. Para Paulo, o batizado já vive o tempo messiânico, pois aderimos e acreditamos que Jesus crucificado e ressuscitado é o Messias, porém ainda esperamos a Parusia, no qual saborearemos a plenitude do tempo.

Neste período que vivemos e esperamos o fim dos tempos, já experimentamos os seus sinais por meio da nossa vivência ética, nossa vivência cristã. Por isso, a admoestação a não nos conformarmos com este *aiôn* não significa sermos dualistas, desprezar o mundo, o corpóreo, mas não se conformar com o pecado que consiste nesta ruptura das relações fundamentais (consigo, com o outro, com Deus, com o universo) e que nos conduz à desumanização. Por isso, essa transformação começa em nós mesmos. É transformar a nossa mente, mudar de mentalidade para estarmos atentos a discernir qual é a vontade de Deus, expressa na segunda exortação do v. 2 e descrita nos v. 3-21, nos quais Paulo, por meio da metáfora do corpo, nos exorta ao serviço gratuito, a sairmos de nosso orgulho, arrogância, em sermos solidários, em praticar o bem e a não vingar-se. Em resumo, amar sem hipocrisia, praticar a caridade tendo como motivação a experiência profunda do amor de Deus, que se entregou total e gratuitamente por nós na tentativa de que o mundo e o tempo fossem plenificados pelo amor.

Outros textos significativos são da carta aos Filipenses 2,17 e 4,18, que aprofundaremos a seguir.

## 2. Sacrifício e a atividade apostólica: Fl 2,17 e 4,18<sup>3</sup>

Fl 2,17 está situado na perícopé que compreende os v. 12-18, após Fl 2,1-11, nas quais Paulo aconselha os filipenses a terem como princípio fundamental da vivência comunitária o esvaziamento de Jesus Cristo descrito no hino em Fl 2,5-11. Nota-se que os v. 12-18 são como uma conclusão do que foi abordado nos versículos anteriores (v. 1-11).

O referimento à obediência dos filipenses nos remete à obediência até a morte de Cruz de Cristo, presente no hino mencionado, bem como à exortação a não murmuração e reclamações, visto que Paulo estabelece um elo entre crer no acontecimento salvífico escatológico da morte e da ressurreição de Jesus e a vivência comunitária. Assim, o agir cristão será baseado na experiência da salvação gratuita concedida por Deus por meio de Jesus, que assume a condição humana na encarnação e se entrega totalmente à vontade de Deus, tendo como finalidade o plano salvífico para a humanidade.

Mesmo que a morte de Jesus não era algo presente nos desígnios do Pai, mas surge como consequência da fidelidade do Filho ao plano de Deus e da rejeição deste

3. Para a análise, confira: BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1991, v. 2. p. 353-412 (Bíblica Loyola, 5); BIANCHINI, F. *Lettera ai Filippesi*: introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2010 (Nuova versione della Bibbia dai testi antichi, 47); PENNA, R. *Lettera ai Filippesi. Lettera a Filomone*. Roma: Città Nuova, 2002 (Nuovo Testamento. Commento esegetico e spirituale) e PITTA, A. *Lettera ai Filippesi*: nuova versione, introduzione e commento. Torino: Paoline, 2010 (I libri Biblici. Nuovo Testamento, 11).

projeto salvífico da parte das autoridades políticas e religiosas no tempo de Jesus, o Pai demonstra a sua justiça, sobre-exaltando o seu Filho e o tornando Senhor. Deste modo, por meio de Cristo, nós cristãos, pelo batismo, somos envolvidos nesse acontecimento escatológico, de forma tal que agora Cristo vive e reina em nós e nos convida a termos a mesma mentalidade, a mesma lógica da Cruz e da Ressurreição como princípio fundante do nosso viver (em nós) e agir (entre nós). Por conseguinte, nosso viver ético não é uma mera obrigação, mas tem como pressuposto a experiência vital e pessoal com Jesus Cristo, descrito em Fl 2,6-11 e não qualquer Jesus Messias.

Diante deste pano de fundo é possível compreender as exortações de Paulo em Fl 2,12-16. As expressões no v. 15 transparecem a linguagem litúrgica e sacrificial, ação na qual a vítima era oferecida sem defeito (Lv 1,10; 3,6; 9,3; 14,10; 22,21; Nm 6,14); neste versículo servem como metáforas para referir-se às relações comunitárias. A imagem dos astros está relacionada com Dn 12,3, onde se diz que os sábios e os justos resplandecerão como estrelas. A diferença está no fato de que, enquanto Daniel fala de uma realidade futura, Paulo fala da sua antecipação neste mundo, visto que já estamos experimentando os tempos messiânicos.

No v. 16, Paulo emprega uma linguagem agonística<sup>4</sup> para aludir a sua missão e no v. 17 recorre à linguagem cultual ao apresentar seu trabalho de evangelização em prol da comunidade dos filipenses.

A expressão “sacrifício de si próprio” deve ser entendida tendo como ponto de partida a realidade de Paulo no momento no qual escreve a Carta aos Filipenses, ou seja, o Apóstolo estava preso e aguardava a sua sentença, tendo como possibilidade ser condenado à morte por causa da sua vida e pregação. Nota-se a fidelidade de Paulo, capaz de doar totalmente a sua vida, até a morte, semelhante a Jesus, em favor da sua fé em Cristo. Outro aspecto a ressaltar é a compreensão de fé, como uma liturgia, um serviço, como um ato de total oferta e entrega a Deus.

Paulo, em Fl 4,18, agradece a comunidade por ter enviado Epafrodito para ajudá-lo na evangelização e este ato é entendido como um sacrifício agradável a Deus, expressão utilizada nos sacrifícios narrados no AT (cf. Gn 8,21; Ex 29,18). Isso confirma que para Paulo o “sacrifício agradável a Deus” consiste na existência quotidiana do cristão, no ministério apostólico e no dom da entrega a serviço de quem necessita.

### 3. Sacrifício e a morte de Jesus: Rm 3,25

Rm 3,25<sup>5</sup> está situado na parte “teológico-doutrinal” da Carta aos Romanos (Rm 1–8). Em Rm 1,18–3,20, Paulo afirma que, diante da imparcialidade de

4. Para aprofundar veja o artigo de SILVANO, Z. Paulo, os jogos e a linguagem esportiva. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 30, n. 120, p. 470-488, out/dez 2013.

5. Para a análise foram utilizadas as obras de PULCINELLI, G. *La morte di Gesù come espiazione. La concezione paolina*. Milano: San Paolo, 2007 (Studi sulla Bibbia e il suo ambiente) e PENNA, R. *Lettera ai Romani*. III. Rm 12-16: Versione e commento. Bologna: EDB, 2008 (Scritti delle origine cristiane, 6).

Deus, todos indistintamente (judeus e gentios), ao praticar o mal, estão expostos à ira divina. Porém, ao invés da punição divina pelos pecados cometidos, Deus oferece a justificação gratuitamente a todos. Deste modo, a justificação é um dom, que a pessoa pode acolher por meio da fé em Jesus Cristo ou rejeitar.

O evento da morte de Cristo e suas consequências é apresentado nos v. 21-26, e é neste contexto que se insere o v. 25. Por causa do conteúdo, da temática e do vocabulário é nítida a separação entre os v. 20 e 21 e a perícopé é delimitada pela inclusão existente entre os v. 26 e 21.

O v. 21 estabelece uma conexão com o que foi dito em 1,18-3,20, com relação ao pecado e com Rm 1,16-17 ao referir-se ao evangelho como revelação da justiça de Deus. Tanto a expressão “justiça de Deus” como “pecado” devem ser entendidas dentro dos parâmetros da cultura judaica, como um conceito relacional e estão interligados com a Aliança entre Deus e a humanidade. A “justiça divina” também nos remete aos atos salvíficos de Deus como expressão da sua fidelidade e está relacionada com as concepções de “salvação”, “libertação”, “misericórdia”, “bondade” (cf. Sl 39,10; Is 45,21; 46,13; 51,5). Podemos dizer que a expressão “justiça de Deus”, nas Protopaulinas, é sinônima do termo “evangelho”, pois ela se manifesta em Jesus Cristo, na sua morte e ressurreição e na sua ação salvífica, restaurando as relações (Rm 3,3-5). Por isso, em Rm 3,21-22, Paulo afirma que essa “justiça” já foi testemunhada nas promessas, no Pentateuco, e naquelas anunciadas pelos profetas (Lei e os Profetas); é dada gratuitamente (independente da Lei) a todos, porém somente opera por meio da fé em Jesus Cristo (o Crucificado que é Messias, o Ressuscitado). O pecado (v. 23), portanto, é a ruptura da Aliança estabelecida com Deus e o conteúdo desta ruptura é delineado em Rm 1,18-3,20.

No v. 24, Paulo recorre a campos semânticos diferentes: o forense, o social-jurídico-econômico e o cultural. Com relação à justificação, Paulo utiliza um termo jurídico, porém tendo como pano de fundo a concepção judaica, pois a justificação não é vista como declarar a inocência do justo, mas tornar justo quem não é inocente. Assim, os pecadores são justificados por iniciativa divina e a justificação é doada por Deus sem nenhum mérito da parte humana.

Por fim, Paulo indica o evento por meio do qual se realiza a justificação e a torna possível: “mediante a redenção em Jesus Cristo”.

O termo grego *apolytrôsis* que é traduzido por “redenção”, pertence ao campo jurídico-econômico-social do direito familiar e foi utilizado teologicamente na libertação do Egito (Ex 6,6; 15,13); na tradição profética de Isaías aludindo a libertação do cativo e o retorno a Jerusalém (Is 51,11; 52,3-9) e escatologicamente referindo-se ao resgate definitivo no fim dos tempos (Os 13,14; Is 59,20).

No v. 25, Paulo apresenta a redenção realizada pelo Filho de Deus recorrendo à linguagem cultural. O verbo *proêtheto* tem uma valência tanto espacial (diante de), como temporal (primeiro, em antecipação). Na LXX, quase todas as ocorrências estão no contexto cultural e assume, sobretudo, o sentido espacial.

Este verbo é utilizado para descrever a exposição dos pães oferecidos no Santo dos Santos, dentro do Templo (Ex 29,23; 40,4; Lv 24,8; 1Mc 1,8). Em Rm 3,25, o verbo, relacionado à morte de Jesus, pode assumir o sentido de ser exposto publicamente, porém não restrito a um pequeno grupo, mas acessível a todos.

A palavra *‘ilasthérion* pode ser interpretada tendo presente dois contextos: o cultural ou o da morte dos mártires. Estes contextos também são utilizados para definir a tradução. Podemos identificar duas propostas entre aqueles que a interpretam de forma cultural. A primeira é aquela de estabelecer uma conexão com o substantivo hebraico *kapporet*, que é traduzido na LXX por *‘ilasthérion* (cf. Ex 25,17). *Kapporet* era a tampa colocada sobre a arca da aliança, lugar no qual Deus conversava com Moisés (cf. Nm 7,89). Era o lugar privilegiado da manifestação da presença de Deus. Deste modo, a paixão e a morte de Jesus são relidas, nesta proposta, como a manifestação por excelência da revelação de Deus e da sua presença.

Os biblistas adeptos à segunda opção seguem o mesmo termo hebraico que o argumento anterior, porém relevam a raiz hebraica *kpr*, que pode significar “cobrir”, “expiar”, “purificar”, “cancelar” e estabelecem um paralelo com Lv 16, no qual descreve o rito da celebração do Dia da Expição (*Yom Kippur*). Os argumentos para escolher essa proposta têm como princípio a ação mediadora de Jesus que intercede em favor do povo ao constatar a ruptura no relacionamento com Deus por causa do pecado (Rm 1,18–3,20) e por reler a morte de Jesus como expiatória. Esta explicação é corroborada pela presença em Rm 3,25 do termo “sangue”, um elemento presente no Dia da Expição, no qual o sangue do animal sacrificado era aspergido na tampa da arca.

A interpretação da função deste rito também oscila entre duas acepções. A primeira entende como uma forma de expiar os pecados, uma vez que o sangue está relacionado à “vida” e por isso tem esta capacidade (cf. Lv 17,11; Gn 4,8-12; 9,3-6). A segunda acentua a purificação do santuário, a fim de garantir a permanência da presença divina no Templo, que poderia estar contaminado pelos pecados da comunidade (cf. Lv 15,31; Nm 19,13.20; Jr 17,1). Estes duplos aspectos não são excludentes, como chave de leitura de Rm 3,25, pois o reencontro de Deus com a humanidade tornou-se possível por meio da morte de Jesus (“sangue”), purificando-a do pecado, mas ao mesmo tempo manifestando a presença de Deus no meio da comunidade, pois Ele é o lugar por excelência da manifestação de Deus, Ele é a revelação da condescendência de Deus, que vem ao encontro da humanidade para restabelecer a Aliança rompida. Desta maneira, exprime a ação de Deus que, na sua benevolência e gratuidade, resgata a humanidade. Isso é plausível ao perceber que, em Rm 3,25-26, Paulo refere-se a Deus-Pai que nos justifica por meio da redenção realizada em Jesus Cristo e coliga com termos do campo semântico do culto e do sacrifício (“sangue” e “instrumento de propiciação”). Deste modo, o uso da palavra *‘ilasthérion* salienta tanto a condescendência de Deus e a revelação da sua transcendência na humanidade de Jesus como o sentido salvífico da morte de Cristo (cf. Lv 4,3-21; 16; Lv 17,11).

Nos v. 25-26, observa-se o acento no aspecto temporal (tempo presente, no tempo da paciência, outrora) e na libertação dos pecados (paciência de Deus, justo, justificar). Por conseguinte, a morte de Jesus não é uma forma de aplacar a ira divina, mas de libertar o ser humano daquilo que o separa da divindade, o pecado, que é a ruptura das relações com Deus e com o outro.

Percebe-se, também, com o uso do nome Jesus (v. 26) e da palavra “sangue” (v. 24) a ênfase na humanidade de Cristo e indica a necessidade e, de certa forma, a dificuldade em crer que Jesus Crucificado seja o Messias esperado. Deste modo, Paulo nos interpela a aderir a um Deus encarnado e que por sua fidelidade ao plano do Pai, entrega-se totalmente, assumindo a morte de Cruz. Assim sendo, a justiça prometida nos tempos messiânicos é manifestada de modo novo e inaudito no evento Cristo.

O segundo contexto para a interpretação de Rm 3,25, além do cultual, é a morte dos mártires descrita nos textos veterotestamentários (cf. Is 52,13–53,12) e, sobretudo, em 4Mc 6,28-29 e 17,21-22, presentes na LXX, mas considerados apócrifos no cânon da Igreja Católica e da Tradição Evangélica. No Quarto Livro dos Macabeus, o termo *‘ilasthérion* ocorre como expiação dos pecados, vinculada à morte de uma pessoa disposta a doar a sua vida por uma causa ou em favor de outros. A diferença entre estes textos apócrifos e os textos bíblicos é que o sacrifício objetiva aplacar a ira divina para obter o perdão dos pecados. Este aspecto está ausente na Bíblia, pois o termo não é utilizado neste sentido e não é compatível com Rm 3,25, pois acreditamos que Paulo privilegia o sentido hebraico do termo “sacrifício”, que é o de servir como mediação entre Deus e a humanidade.

## Finalizando

Diante da análise dos textos bíblicos, podemos concluir que nas cartas consideradas Prot paulinas, a linguagem cultual ou sacrificial para referir-se à morte de Jesus Cristo é rara, porém é utilizada em relação à ética cristã e à missão do cristão. Estas, por sua vez, são marcadas pela fé no evento salvífico escatológico da morte e ressurreição de Jesus, pela adesão expressa por meio do Batismo, numa comunidade enraizada em Cristo. Deste modo, o seu agir nasce da experiência do amor de Deus e de ser conduzido pelo Espírito, sendo configurado no Filho, porém vivendo uma tensão escatológica.

O cristão, portanto, é aquele que tenta cotidianamente viver na história o que deseja viver e contemplar plenamente no fim dos tempos. Entretanto, vislumbra com a plenitude do sonho de Deus para todo o universo, quando toda a humanidade oferecerá, eternamente, o seu sacrifício de louvor a Deus pelo seu amor sem fim.

*Zuleica Aparecida Silvano*

Assessora do Serviço de Animação Bíblica – Paulinas (SAB)  
Pertence ao grupo de Pesquisa Bíblica da FAJE